



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ  
CAMPUS PROFESSORA JOSEFINA DEMES  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS-PORTUGUÊS



DIANA CHRIS MOURA DOS SANTOS

**“A Interação Entre Narrador e seus Personagens em *Venha Ver o Pôr do Sol* de Lygia Fagundes Telles: Uma Análise de Intenções e Vozes à luz da psicanálise”**

FLORIANO

2025

**"A Interação Entre Narrador e seus Personagens em *Venha Ver o Pôr do Sol* de Lygia Fagundes Telles: Uma Análise de Intenções e Vozes à luz da psicanálise"**

Trabalho de Conclusão do Curso de Graduação em Letras Português – Licenciatura, apresentado como requisito para a obtenção do grau de Licenciada em Letras – Português. Orientador: Prof. Dr. Luciano Ferreira.

FLORIANO

2025

## AGRADECIMENTOS

Dedico este trabalho, primeiramente, ao meu querido marido, cuja paciência, amor e apoio incondicional foram fundamentais para a realização deste sonho. Me deu todo incentivo e suporte, para retomar os estudos, bem como conclui-lo. Engravidei durante o curso, peguei COVID, tive uma gestação complicada, e com uma bebê pequena por diversas vezes pensei em desistir, foi onde meu companheiro me disse uma vez, para eu pensar bem na desistência, pois no futuro eu poderia me tornar uma mulher frustrada, por não conseguir atingir meus objetivos. Confesso, esse conselho dele, me marcou bastante.

Outra pessoa que agradeço profundamente é ao meu filho Victor, que com seus 14 anos, me ajuda com sua irmã pequena, conciliando com seus estudos, e também a dedicatória vai à minha filha Alice, que, com seus sorrisos e carinho, me dar forças diariamente para continuar nos momentos mais difíceis. E quero que saibam que vocês são minha maior inspiração.

Gostaria de expressar minha sincera gratidão ao meu orientador, Professor Luciano Ferreira, pela orientação, paciência e dedicação ao longo de todo o processo de elaboração deste trabalho. Seu comprometimento e apoio foram de extrema importância para a realização deste TCC. Agradeço, pela confiança em meu potencial e pela motivação constante em enfrentar os desafios dessa jornada acadêmica. Lembrando também de agradecer a todos os professores que dividiram comigo os conhecimentos, cujos ensinamentos contribuíram de forma significativa para minha formação acadêmica e pessoal.

Não posso deixar de mencionar minha querida comadre Agrete, cuja amizade, apoio e conselhos valiosos foram essenciais ao longo dessa jornada. Obrigada por estar sempre ao meu lado. Este trabalho é, em parte, de todos vocês.

## RESUMO

Este trabalho de Conclusão de Curso (TCC) tem como objetivo investigar a obra "Venha Ver o Pôr do Sol", da renomada autora brasileira Lygia Fagundes Telles, com destaque na complexidade da mente humana evidenciado na trama. A narrativa breve, mas intensa, discute temas universais como a morte, a vingança e a dualidade entre vida e morte, fazendo uso de elementos simbólicos e uma estrutura narrativa que acaba provocando o leitor a desvendar suas camadas implícitas. A complexidade do conto pode ser notada através do olhar do narrador que, num jogo (re)velado, conduz o leitor pelo espaço labiríntico do texto à compreensão das personagens e suas reações que acabam exercendo um papel determinante na criação de uma atmosfera de tensão e suspense. O TCC visa analisar o conto, sob a perspectiva da psicanálise freudiana, o foco pode se concentrar em explorar os aspectos psicológicos do narrador e dos personagens, ressaltando os impulsos inconscientes, a dualidade entre Eros e Tânatos (vida e morte) e as relações de poder e sedução. No conto, a autora apresenta dois personagens principais: Ricardo e Raquel. Ricardo, o protagonista masculino, age como narrador e guia na trama, utilizando a manipulação e o convencimento para atrair Raquel a um cemitério, cenário sombrio que já sugere a presença da morte. Ele se mostra sedutor e carismático, características que Freud associaria ao ego narcísico, cujo objetivo é atingir seus próprios interesses sem se importar com o bem-estar do outro. Raquel, por outro lado, é descrita como uma mulher cautelosa e desconfiada, mas que acaba sucumbindo ao pedido de Ricardo, possivelmente revelando uma atração inconsciente pelo mistério e o perigo. Ao analisar sob o prisma freudiano, é possível identificar como Ricardo encarna o impulso de Tânatos, pois conduz a situação em direção a um desfecho trágico, revelando a tensão entre desejo e destruição. O conto reflete, assim, uma luta entre o instinto de vida (representado pela curiosidade e atração de Raquel) e o instinto de morte (representado pela intenção oculta de Ricardo), o que remete à teoria freudiana dos impulsos opostos que regem o inconsciente humano. Por fim, a conclusão do trabalho poderá examinar como Lygia Fagundes Telles, como é construído diálogos aparentemente simples, porém repletos de subtexto, para aprofundar nas intenções ocultas dos personagens e a inevitabilidade do desfecho trágico, bem como se utiliza esses elementos psicanalíticos para criar uma narrativa que não apenas explora o terror psicológico, mas também reflete sobre as complexidades da psique humana e seus desejos reprimidos. A análise proposta neste trabalho aprofunda-se em como Lygia Fagundes Telles utiliza esses elementos para desenvolver um conto que, embora breve, oferta uma reflexão profunda sobre a natureza humana e as consequências das escolhas pessoais. A pesquisa se fundamenta em uma leitura crítica da obra, além de referências teóricas sobre narrativa curta, simbolismo literário e análise psicológica de personagens, buscando promover uma compreensão mais ampla do legado literário de Lygia Fagundes.

**Palavras-Chave:** Narrador, Implicações Psicológicas, Análise psicológica de personagens.

## ABSTRACT

This undergraduate thesis aims to investigate the work *Venha Ver o Pôr do Sol* by renowned Brazilian author Lygia Fagundes Telles, with a focus on the complexity of the human mind evident in the plot. The brief yet intense narrative discusses universal themes such as death, revenge, and the duality between life and death, using symbolic elements and a narrative structure that encourages the reader to uncover its implicit layers. The complexity of the short story can be noticed through the narrator's perspective, who, in a (re)vealed game, guides the reader through the labyrinthine space of the text to understand the characters and their reactions, which play a decisive role in creating an atmosphere of tension and suspense. This thesis aims to analyze the story from a Freudian psychoanalytic perspective, focusing on exploring the psychological aspects of the narrator and characters, highlighting unconscious impulses, the duality between Eros and Thanatos (life and death), and power and seduction dynamics. In the story, the author presents two main characters: Ricardo and Raquel. Ricardo, the male protagonist, acts as the narrator and guide in the plot, using manipulation and persuasion to lure Raquel into a cemetery, a dark setting that already suggests the presence of death. He is portrayed as seductive and charismatic, traits that Freud would associate with the narcissistic ego, whose goal is to fulfill his own interests without caring about the other's well-being. Raquel, on the other hand, is described as cautious and distrustful but ultimately succumbs to Ricardo's request, possibly revealing an unconscious attraction to mystery and danger. When analyzed from a Freudian perspective, it is possible to identify how Ricardo embodies the impulse of Thanatos, leading the situation towards a tragic outcome and revealing the tension between desire and destruction. The story thus reflects a struggle between the life instinct (represented by Raquel's curiosity and attraction) and the death instinct (represented by Ricardo's hidden intention), which ties into Freud's theory of opposing impulses that govern the human unconscious. Finally, the conclusion of the thesis will examine how Lygia Fagundes Telles constructs seemingly simple dialogues, yet filled with subtext, to delve into the characters' hidden intentions and the inevitability of the tragic ending, as well as how she uses these psychoanalytic elements to create a narrative that not only explores

psychological horror but also reflects on the complexities of the human psyche and its repressed desires. The analysis proposed in this work delves into how Lygia Fagundes Telles uses these elements to develop a story that, although brief, offers a profound reflection on human nature and the consequences of personal choices. The research is based on a critical reading of the work, as well as theoretical references on short narratives, literary symbolism, and psychological character analysis, aiming to provide a broader understanding of Lygia Fagundes' literary legacy.

**Keywords:** Narrator, Psychological Implications, Psychological Character Analysis.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	08
CAPÍTULO I - A VOZ DA NARRATIVA: A RELAÇÃO ENTRE A REPRESENTAÇÃO E NARRADOR.....	12
1.1- Perspectiva e Voz: A Funcionalidade do narrador na Construção da Representação.....	13
CAPÍTULO II - A PSICANÁLISE E O CREPÚSCULO DAS RELAÇÕES.....	19
2.1 - Entre Luz e Sombra: Uma Perspectiva Psicanalítica.....	22
CAPÍTULO III - A CONSTRUÇÃO PSICOLÓGICA DOS PERSONAGENS EM <i>VENHA VER O PÔR DO SOL</i> : UMA ANÁLISE DAS CARACTERÍSTICAS MARCANTES NO CONTEXTO DAS RELAÇÕES HUMANAS.....	32
3.1 - Desvendando a Essência: Uma investigação profunda nas características e vozes dos personagens.....	33
CONCLUSÃO.....	42
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	44

## INTRODUÇÃO

Lygia Fagundes Telles é uma das escritoras mais reconhecida da literatura brasileira, aclamada por sua facilidade em analisar as complexidades da psique humana e os conflitos existenciais por meio de uma narrativa sólida e envolvente. Sua escrita é evidenciada por um estilo que faz uma fusão do real e o imaginário, utilizando uma linguagem caracterizada por um estilo introspectivo e poético. Emprega uma escrita que mescla sensibilidade e introspecção, com foco nas emoções e reflexões dos personagens. A narrativa em “*Venha Ver o Pôr do Sol*” é repleta de detalhes sensoriais e imagens vívidas, destacando o cenário e as sensações de uma forma quase lírica. A autora utiliza uma linguagem rica em metáforas, imagens poéticas e descrições detalhadas, transmitindo emoções complexas e momentos de reflexão íntima. A escrita é profundamente subjetiva, focando nos sentimentos e percepções dos personagens, com uma abordagem psicológica. A introspecção é um aspecto importante na construção da narrativa.

O texto apresenta momentos de ambiguidade e fragmentação, refletindo a confusão ou a complexidade interna dos personagens. A narrativa não segue uma linearidade rígida e permite múltiplas interpretações. A autora utiliza diálogos curtos e intensos, além de monólogos interiores que expõem os pensamentos mais profundos dos personagens, criando um ambiente de intimidade e vulnerabilidade. A linguagem também é marcada pela sutileza, com espaços em branco e silêncios que reforçam o não-dito, algo que é característico da obra de Lygia Fagundes Telles. Desse modo, observa –se que a escrita em *Venha ver o pôr do sol* é uma combinação de poesia, introspecção psicológica e uma forte conexão com o sensorial e o emocional.

Neste trabalho, intitulado “A Interação Entre Narrador e suas Personagens em *Venha Ver o Pôr do Sol* de Lygia Fagundes Telles: Uma Análise de Intenções e Vozes”, propõe um estudo acerca da ligação entre o narrador e dos dois personagens presentes no conto, investigando os dilemas existenciais e as sutilezas emocionais que compõem a trama.

Almeja-se compreender como a não superação da perda do ser amado pode levar o ser humano a um estado de dor intenso, capaz de motivá-lo a tomar atitudes socialmente inaceitáveis como forma de escapar ou amenizar seu sofrimento. O emblemático estilo de Lygia, onde o suspense e a atmosfera psicológica criam um cenário propício para a exploração das motivações humanas mais obscuras e dos conflitos internos de seus personagens.

A análise literária aqui apresentada examinará os elementos estruturais e estilísticos do texto, como a construção dos personagens, o uso da linguagem e a ambientação, que contribuem para a criação de uma atmosfera de tensão e ambiguidade. Paralelamente, uma abordagem psicológica permitirá revelar as motivações e os comportamentos dos personagens centrais, Ricardo e Raquel, à luz de teorias psicanalíticas e comportamentais. Esta dualidade de abordagens visa não apenas enriquecer a compreensão do conto, mas também ilustrar como Lygia Fagundes Telles utiliza a literatura como um meio para investigar e representar a complexidade da mente humana.

Essa investigação tem um caráter inicial de exploração, uma vez que inúmeras hipóteses que permeiam a obra. Através de uma abordagem interdisciplinar, pretende-se oferecer uma análise diversificada que contribua para o enriquecimento do conhecimento acadêmico sobre a literatura brasileira e as questões fundamentais da existência humana.

A análise foi motivada por questões sem respostas que se fazem presente no decorrer na leitura, e não se tem uma pretensão de ter uma solução para o entendimento do enredo, mas sim, entender a importância dessa lacuna na literatura, despertando o interesse em compreender como os leitores reagem diante de perguntas sem respostas, como as apresentadas no desfecho da obra.

O texto literário de Lygia Fagundes Telles, como "*Venha Ver o Pôr do Sol*", é repleto de elementos e imagens diversas, que cativam cada leitor de maneira única. Suas características fantásticas e misteriosas despertam a curiosidade dos leitores, incentivando análises profundas. Telles, destaca-se pela abundância de recursos estilísticos com que escreve, "ela cria quase uma sintaxe própria" (Lamas, 2004, P.78).

Ao explorar a obra exposta, esperamos proporcionar uma nova perspectiva sobre a obra de Lygia Fagundes Telles, evidenciando sua relevância contínua e a profundidade de sua contribuição para a literatura brasileira. A

análise proposta busca, portanto, não só celebrar a genialidade literária da autora, mas também oferecer percepções sobre a universalidade das questões humanas que ela aborda em suas narrativas. Almeja-se mergulhar na complexidade da obra de Ligia Fagundes Telles, explorando suas camadas narrativas e seus reflexos na compreensão da condição humana. A escolha desse tema se deve à relevância da autora no cenário literário brasileiro e à profundidade de sua escrita. Além disso, *Venha Ver o Pôr do Sol* aborda questões existenciais e sociais que merecem uma análise crítica.

Por isso, esse conto destaca-se como uma importante contribuição para a literatura brasileira. Enriquecendo a narrativa nacional, propagando uma maior representatividade, promovendo uma visão mais ampla da sociedade, apresentando uma linguagem poética e introspectiva, ela oferece uma visão profunda da mente humana, abordando temas como solidão, desejo, angústia e a busca por sentido. Ligia Fagundes Telles se apropria de uma narrativa fragmentada e não linear, uma característica comum em parte da literatura modernista e pós-modernista. Essa fragmentação reflete a multiplicidade de perspectivas e a fluidez da percepção humana, enriquecendo a maneira como o real é abordado na narrativa nacional, especialmente nas obras que buscam retratar as complexidades da vida interior do ser humano.

A obra também se destaca por sua representação das personagens femininas, suas complexas emoções e suas relações de poder e dependência emocional. Em muitos de seus textos, Telles questiona normas sociais e tradições relacionadas ao papel da mulher na sociedade, criando personagens que lidam com questões de identidade, liberdade e repressão. Dessa forma, a obra contribui para a discussão sobre as questões femininas, uma temática central na literatura brasileira contemporânea.

Embora suas obras retratem aspectos muito específicos da sociedade brasileira, elas também tocam em temas universais, como o sofrimento, a busca por identidade e a transitoriedade da vida. Isso permite que a obra se comunique com um público mais amplo, ao mesmo tempo em que preserva uma identidade única da literatura brasileira. E dessa forma colabora para que temas e questões específicas sejam debatidos de forma autêntica e sensível, fazendo com que se tenha uma reflexão e o diálogo mais abrangente, sendo analisada por

acadêmicos de várias áreas, proporcionado a Telles, o destaque em ser uma das autoras mais relevantes na literatura brasileira contemporânea.

A metodologia aplicada foi de caráter qualitativo, utilizando-se da análise textual literária, da revisão teórica e da interpretação psicanalítica. No qual descreve a funcionalidade do narrador na construção da representação nas obras literárias, com ênfase na perspectiva e voz narrativa, além de explorar como a psicanálise pode iluminar as dinâmicas de relações humanas e o "crepúsculo" das mesmas no contexto literário. A narrativa literária, enquanto espaço de construção simbólica e psicológica, emprega diferentes tipos de narradores, cujas vozes e perspectivas moldam a percepção dos personagens e dos conflitos em jogo. A psicanálise oferta um aparato teórico que enriquecerá a compreensão dessas relações, possibilitando uma análise das tensões emocionais, dos mecanismos de defesa e da construção do inconsciente, refletidos nas interações entre os personagens.

Diante do exposto, é relevante compreender, qual é a representação da condição humana presente em *Venha Ver o Pôr do Sol?* E como a obra de Lygia Fagundes Telles dialoga com as inquietações humanas?

## CAP. I - A VOZ DA NARRATIVA: A RELAÇÃO ENTRE A REPRESENTAÇÃO E NARRADOR

A obra *Venha Ver o Pôr do Sol*, de Lygia Fagundes Telles, revela, por meio de uma narrativa sensível e intimista, questões profundas sobre a memória, o tempo e a subjetividade humana. A autora constrói sua história utilizando uma voz narrativa que não é apenas um veículo para a trama, mas também um elemento fundamental na forma como o leitor se relaciona com os personagens e os acontecimentos. A relação entre a representação e o narrador, nessa obra, é essencial para que o leitor compreenda as complexas dinâmicas de percepção e vivência do tempo que se entrelaçam com os próprios processos de memória e identidade.

A narrativa exposta é conduzida por um narrador em primeira pessoa, que compartilha com o leitor suas percepções e reflexões sobre a vida e o amor, em particular a relação com a personagem de seu passado. O narrador é uma figura introspectiva e emocionalmente envolvida com os acontecimentos, o que confere à narrativa uma intensidade e uma subjetividade marcantes. A escolha do ponto de vista em primeira pessoa é fundamental para que o leitor se sinta imerso no mundo psicológico do narrador e possa explorar, por meio de sua voz, as complexidades da memória e da percepção do tempo.

Em *Venha Ver o Pôr do Sol*, a focalização e o ponto de vista são fundamentais para entender as interações entre os personagens e o narrador. O narrador da obra é um observador, mas não neutro, o que influencia a forma como ele transmite as emoções e pensamentos dos personagens.

A teoria de Genette sobre focalização pode ser bastante importante para se compreender como o narrador, com seu ponto de vista específico, molda a percepção dos leitores sobre os personagens e suas relações. O entendimento acerca da focalização, é que seria o ponto de vista, ou seja, o foco narrativo, sendo de grande relevância no campo da narratologia. “Chamo de focalização a relação entre o que o narrador sabe e o que as personagens sabem. A focalização pode ser interna, externa ou zero”. (Genette, 1989, p.206).

O autor, aborda a voz narrativa com ênfase nas diferentes formas que o narrador pode adotar, incluindo sua relação com os personagens e a história. onde essa construção da voz narrativa, se torna um dos maiores recursos de Telles, que, ao centrar a história em uma única perspectiva subjetiva, nos permite acessar o interior de um indivíduo marcado pela reflexão e pela saudade. O narrador revela suas lembranças de maneira fragmentada, como flashes de um passado distante, e isso reflete a natureza disforme da memória humana. Ao se deparar com momentos passados, o narrador não narra uma sequência linear de fatos, mas antes tece uma rede de recordações e sentimentos, proporcionando uma experiência narrativa mais orgânica e emocional. “A voz da narrativa é o conjunto de características que determinam ‘quem fala’ em um texto narrativo e em que condições”. (Genette, 1989, p. 256).

No caso em *Venha Ver o Pôr do Sol*, a representação não se limita à descrição dos fatos, mas envolve um processo de reinterpretação do passado, feito pelo narrador. A representação de um evento ou personagem não se dá de maneira objetiva ou imparcial. Pelo contrário, é filtrada pela visão do narrador, que revê, recria e muitas vezes distorce os acontecimentos conforme sua própria experiência emocional. O narrador não é apenas alguém que relata, mas alguém que ressignifica o que passou.

### **1.1 – Perspectiva e Voz: A funcionalidade do narrador na construção da representação.**

A narrativa desempenha um papel crucial na literatura contemporânea, servindo como um meio de expressão e exploração de temas relevantes que refletem a sociedade. É fundamental uma espécie de exploração de identidades, onde frequentemente é abordado questões acerca de identidade, como raça, gênero, sexualidade e classe social. E dessa forma, os autores usam a narrativa para explorar experiências diversas e complexas, promovendo uma maior compreensão e empatia.

Ao se evidenciar um narrador, é possível entender que muitas vezes a narrativa foca nas emoções e nas experiências internas dos personagens, criando uma conexão íntima entre o leitor e a história, permitindo uma exploração

mais profunda da condição humana. Há um enriquecimento acerca da narrativa, expandindo os horizontes do que é contato e como. A visão que se tem desse narrador é vital para a expressão de experiências humanas, a exploração de questões sociais e políticas e a inovação na forma de contar histórias. Ela continua a evoluir, refletindo e moldando a cultura e a sociedade em que vivemos.

Há um processo de ressignificação central que comprehende a construção da relação entre o narrador e a obra. As representações da vida e das relações humanas não são construídas a partir de uma visão desinteressada e objetiva, mas são, antes, a expressão da visão individual, muitas vezes conflituosa, que o narrador tem de sua própria história.

Nesse sentido, o narrador de *Venha Ver o Pôr do Sol* é, ao mesmo tempo, um protagonista e um observador do próprio passado. Ele constrói uma narrativa onde o tempo é elástico e as lembranças estão imersas em um turbilhão de emoções, o que torna a voz narrativa uma chave para entender a dinâmica entre a memória e a representação.

O modo como o tempo é tratado na obra também está intimamente ligado à voz narrativa. A temporalidade não é linear; em vez disso, o narrador vai e vem entre passado e presente, entre aquilo que viveu e o que sente no momento em que narra. Esse deslocamento temporal não é apenas uma técnica estilística, mas um reflexo do próprio processo de memória, que também não segue uma ordem cronológica rígida. As representações do passado, no entanto, não são apenas evocadas de forma fria e impessoal, mas repletas de emoção e de uma subjetividade que corrobora a sensação de que a memória é, muitas vezes, uma construção seletiva e alterada pela dor, pelo desejo ou pela saudade.

A narrativa é uma forma de reinterpretar o mundo, e é através da voz do narrador que essa releitura do passado ganha forma. Assim, o papel do narrador não é apenas o de contar uma história, mas de reconfigurar as emoções, as lembranças e os significados que essas experiências adquiriram ao longo do tempo. A obra de Telles, com sua narrativa delicada e introspectiva, revela que a voz da narrativa não é uma simples testemunha, mas um elemento ativo e constitutivo da representação da realidade.

As relações interpessoais, especialmente o relacionamento com a figura masculina, revelam o desafio de conciliar essa busca por autonomia com a presença de um contexto social que ainda impõe limitações.

Finalmente, a obra pode ser vista como uma crítica à falta de comunicação autêntica nas relações humanas, particularmente nas relações amorosas. O distanciamento emocional, a incompreensão e o silêncio são elementos recorrentes, sugerindo que as convenções sociais e os papéis de gênero muitas vezes impedem a verdadeira conexão entre os indivíduos.

A narrativa de *Venha Ver o Pôr-do-sol*, da Lygia Fagundes Telles, se ao mesmo tempo apresenta-se, inicialmente, com aquela paciência gritante do suspense em “Ela subiu sem pressa a tortuosa ladeira”, também nos lembra a questão posta por Antonin Artaud, em *Le théâtre de La cruauté* (1933), “será preciso um pouco de sangue verdadeiro para manifestar a crueldade?” (Gomes, 2004, p.143).

A representação da condição humana nessa narrativa é densa e trágica, com envolvimento de temas como a fragilidade das relações humanas, o engano, o desejo de vingança e a inevitabilidade da morte. A obra que nos serve como instrumento de estudo, “*Venha Ver o Pôr do Sol*” (Telles, in Fernandes, 2006, pp. 224-232) descreve as experiências de Raquel e Ricardo, jovens amantes separados por circunstâncias dolorosas.

Raquel escolhe um homem mais velho, deixando Ricardo magoado. Anos depois, Ricardo a convida para um passeio, mas sua intenção é vingar-se dela. Mesmo comprometida, Raquel aceita. Durante o passeio, eles têm uma conversa tranquila e nostálgica, mas o final é trágico, já que a vingança de Ricardo, disfarçada por sua aparência comum, resulta na morte cruel de Raquel.

A construção do narrador nesse conto é de extrema importância, uma vez que influencia diretamente na forma como a história é percebida pelo leitor.

A análise detalhada do narrador e suas características ao longo do conto é fundamental para compreender a técnica utilizada pela autora e como essa construção impacta na atmosfera e na compreensão da narrativa. No conto analisado, a autora retrata uma história onde o narrador assume o papel de conhecedor de todos os acontecimentos, testemunhando e até mesmo sendo cúmplice de um crime. Fica evidente, a morte anunciada, o narrador ao início do encontro do jovem casal diz: “ele sorriu entre malicioso e ingênuo” (Telles, 2009,

p.94), além do momento onde é dito “– Cemitério abandonado, meu anjo. Vivos e mortos, desertaram todos” (Telles, 2009, p.94).

Há uma evidência de morte descrita pelo narrador, no qual ocorre o anúncio da morte que se apresenta como pistas veladas pela própria linguagem, como afirma Agamben (1999). Onde é notório que “os narradores gostam de começar sua história com a descrição das circunstâncias em que foram informados dos fatos que vão contar a seguir”, (Benjamin, 1987, p.205), ocorrendo dessa maneira nos passos detalhados de Raquel até o encontro no cemitério.

O narrador se revela atento aos acontecimentos, mas, ao mesmo tempo, mantém um certo distanciamento, criando um clima de mistério. Ele não revela tudo de imediato, evitando apressar-se; pelo contrário, adota uma postura cuidadosa e enigmática.

No entanto, logo nas primeiras linhas do conto, o narrador oferece pistas sutis, como a descrição do cemitério abandonado, que desperta a curiosidade do leitor. Além disso, a interação entre o rapaz e a moça sugere, de maneira velada, a possibilidade de um crime passional, deixando entrever as complexas relações entre os personagens. “[...] alastrado pelos canteiros, subira pelas sepulturas, infiltrara-se ávido pelos rachões dos mármores, invadira as alamedas de pedregulhos esverdinhados, como se quisesse com sua violenta força cobrir para sempre os últimos vestígios da morte.”. (Telles, 2009, p.95).

O narrador nos apresenta, de forma enigmática, o encontro de Raquel com a morte e a sua relação com o desaparecimento do namorado, o que poderia levar o leitor a interpretar que ela morre ou está em um processo de transição entre a vida e a morte. No entanto, como a obra é marcada pela ambiguidade e pela introspecção, a morte de Raquel não é algo definido de maneira objetiva, mas sim um tema que fica aberto à interpretação subjetiva do leitor.

Não há confirmação explícita da morte de Raquel, mas o conto sugere um simbolismo ligado à morte e à passagem, que pode ser entendido de diferentes formas. A história de Ricardo e Raquel, e os problemas que levaram ao fim do relacionamento deles, refletem questões comuns a muitos casais na vida real. O conto descreve um relacionamento tumultuado, com encontros secretos e mudanças de comportamento.

Entende-se que o narrador da obra em análise faz uso de uma voz oculta narrando os eventos passo a passo e descrevendo, logo nas primeiras linhas, um cenário com dimensão de suspense onde as personagens iriam se encontrar. Trata-se de um cemitério abandonado, situado em uma rua que “à medida que avançava, as casas iam rareando, modestas casas espalhadas sem simetria e ilhadas em terrenos baldios” (Telles, 2006, p.225), onde nem os carros chegam.

Logo, na chegada de Raquel, o narrador detalha seus passos e o local desse encontro num tom de mistério: “ela subiu sem pressa a tortuosa ladeira. À medida que avançava, as casas iam rareando, modestas casas espalhadas sem simetria e ilhadas em terrenos baldios” (Telles, 2009, p. 94).

Posteriormente, o narrador expõe Ricardo como “esguio e magro, metido num largo blusão azul-marinho, cabelos crescidos e desalinhados, tinha um jeito jovial de estudante” (Telles, 2009, p. 135). A narrativa, com sutileza, demonstra o caráter de Ricardo, sua expressão não dizia muito de si, aparentava ser um homem que não se preocupava muito com a aparência, levava uma vida simples, sem vaidades.

Há uma construção de narrativa através de uma habilidosa mesclagem de elementos psicológicos e simbólicos. Através da perspectiva dos personagens, ela explora temas como alienação, solidão e incomunicabilidade, utilizando-se de diálogos sugestivos e descrições detalhadas do ambiente para criar uma atmosfera densa e perturbadora. O enredo estruturado é introspectivo e não linear, contribui para o suspense e a ambiguidade, enquanto o desfecho revelador ressalta a complexidade das relações humanas e a fragilidade da percepção da realidade, ficando evidente no primeiro parágrafo:

Ela subiu sem pressa a tortuosa ladeira. À medida que avançava, as casas iam rareando, modestas casas espalhadas sem simetria e ilhadas em terrenos baldios. No meio da rua sem calçamento, coberta aqui e ali por um mato rasteiro, algumas crianças brincavam de roda. A débil cantiga infantil era a única nota viva na quietude da tarde (Telles, 1970, p. 1).

A narrativa coloca em evidência a complexidade dos sentimentos humanos, explorando o contraste entre o belo (representado pelo pôr do sol) e o sombrio (a traição e o aprisionamento final da protagonista) e representação

da condição humana. A desilusão e traição se torna uma narrativa que arremete a capacidade humana para o engano, e uma espécie de manipulação emocional. A metáfora do "pôr do sol" também pode ser vista como um símbolo do fim de uma fase, ou até da própria vida, ecoando a ideia de que as promessas de beleza e romance podem mascarar interesses sombrios.

Conforme o conto envolve e convence o leitor com sua linguagem delicada, guiando-o pela trama verbal da narrativa, o narrador revela as nuances sutis e enigmáticas do personagem Ricardo, o protagonista da narração, e é perceptível no trecho a seguir: "Ficou sério. E aos poucos, inúmeras rugazinhas foram-se formando em redor dos seus olhos ligeiramente apertados. Os leques de rugas se aprofundaram numa expressão astuta. (...) Mas logo sorriu e rede de rugas desapareceu sem deixar vestígio. Voltou-lhe novamente o ar inexperiente e desatento". (Telles, 2006, p. 225).

Assim, o narrador habilidoso construiu uma narrativa clássica em termos de técnica narrativa, aparentemente ingênuas, mas tão sombria quanto um cemitério abandonado, silencioso, guardião dos segredos do pôr-do-sol. É desenvolvido um tipo de narração em terceira pessoa, permitindo uma visão ampla e imparcial dos eventos e dos personagens, essencial para o desenvolvimento da história, onde essa construção do narrador nos guia como se fôssemos crianças curiosas e tímidas, além de materializar uma linguagem cinematográfica. Através dessa narrativa, se tem uma visão mais abrangente dos acontecimentos, permitindo ao leitor uma compreensão completa dos eventos e das motivações dos personagens, sem se restringir à perspectiva somente de um.

## CAP. II - A PSICANÁLISE E O CREPÚSCULO DAS RELAÇÕES.

A psicanálise, desenvolvida por Sigmund Freud no final do século XIX e início do século XX, introduziu uma nova maneira de entender o comportamento humano, particularmente as dinâmicas inconscientes que influenciam os pensamentos, desejos e relações interpessoais. A partir de suas teorias, Freud não só revolucionou a psicologia, mas também o modo como interpretamos o sujeito e suas relações com o outro. Além de elaborar a primeira teoria do aparelho psíquico, explicando o conceito do inconsciente. De acordo, com o autor, a Psicanálise é um termo utilizado.

Quando mencionamos sobre "o crepúsculo das relações", fazemos referência ao esgotamento ou transformação das formas tradicionais de vínculo humano, algo que pode ser analisado à luz da psicanálise freudiana, sobretudo em uma era marcada por mudanças sociais, culturais e tecnológicas rápidas.

Freud propôs que grande parte da nossa vida psíquica é governada pelo inconsciente, um reservatório de desejos, memórias e impulsos reprimidos, que são frequentemente em conflito com as normas sociais e com as exigências da realidade. Para Freud, o ser humano não é um agente completamente racional; ao contrário, suas ações e pensamentos são frequentemente motivados por forças inconscientes, muitas vezes em desacordo com a sua consciência e com a moralidade social.

Um dos conceitos fundamentais na psicanálise de Freud é a teoria do conflito psíquico, que se refere à luta interna entre os distintos componentes da psique: o id, que busca a satisfação imediata dos desejos e instintos; o ego, que tenta mediar essas demandas com as exigências da realidade; e o superego, que representa a internalização das normas sociais e morais. Esse conflito interno reflete-se, muitas vezes, nas relações interpessoais, criando tensões que podem tanto ser fonte de sofrimento quanto de desenvolvimento pessoal.

"O ego é, portanto, o representante das exigências da realidade, que tem de ser tomadas em consideração pelo id. O ego não é apenas o executor das ordens do id, mas também tem que proteger a pessoa das frustrações da realidade. O conflito entre as exigências do id e do superego, bem como a mediadora posição do ego, é uma das características mais notáveis da nossa vida psíquica." (Freud, 1923, p. 49).

A psicanálise de Freud nos oferta uma chave para entender o que chamamos de "crepúsculo das relações", ou seja, o processo de transformação e até enfraquecimento das formas tradicionais de vínculo, como o amor romântico, a amizade e os laços familiares. Em um contexto histórico e cultural de rápida modernização, urbanização e mudanças sociais, Freud pode nos ajudar a compreender como essas transformações afetam as dinâmicas psicológicas nas relações humanas. "A história da humanidade não é senão uma sucessão de ajustes entre as exigências pulsionais do indivíduo e as exigências da civilização, o que implica no enfraquecimento das formas de vínculo social tradicionais.". (Freud, 1930, p. 85)

A sexualidade, para Freud, é um dos principais motores da vida psíquica e das relações humanas. Seu conceito de libido (energia sexual) propôs que os desejos e impulsos sexuais não se limitam ao contexto privado ou à relação conjugal, mas permeiam todas as esferas da vida. As relações de amor e desejo, segundo Freud, são frequentemente marcadas por ambivalência, conflitos e tensões. A complexidade das relações sexuais, o desejo reprimido e as expectativas sociais podem contribuir para o crepúsculo das relações, na medida em que as dinâmicas tradicionais de poder e afeto nas relações amorosas passam a ser questionadas.

"A sexualidade não é um instinto único, mas um conjunto de impulsos que têm diferentes fontes e que se desenvolvem de maneira complexa ao longo da vida. A sexualidade infantil, por exemplo, possui formas e manifestações que mais tarde serão reprimidas ou transformadas, mas que nunca deixam de influenciar o indivíduo em sua vida adulta." (Freud, 1905, p. 67).

Freud, com sua visão da sexualidade humana como diversificada e muitas vezes contraditória, e isso pode ser um referencial para compreender como as necessidades sexuais, afetivas e emocionais podem se manifestar de maneira dissonante nas relações contemporâneas, muitas vezes resultando em conflitos, distanciamento ou até na dissolução dessas relações.

Outro conceito central na psicanálise freudiana é o narcisismo, que, no contexto da teoria freudiana, descreve a libido voltada para o próprio eu. Freud foi pioneiro ao identificar que o narcisismo pode ser um fator importante para a compreensão dos vínculos humanos, sugerindo que a incapacidade de

estabelecer uma relação saudável com o outro pode estar relacionada à fixação de energias libidinais no próprio eu.

"O narcisismo é uma fase do desenvolvimento psíquico em que o indivíduo dirige sua libido para si mesmo, uma forma de investimento emocional do próprio corpo e da própria imagem, que, em casos extremos, pode se manifestar como um amor excessivo por si mesmo, tornando-se uma característica permanente da personalidade." (Freud, 1914, p. 69)

A ideia do "crepúsculo das relações" também pode ser entendida dentro de um contexto histórico e cultural mais amplo, marcado pela globalização, pela revolução digital e pela cultura do consumo rápido. A psicanálise freudiana, ao enfatizar os conflitos internos, os desejos reprimidos e a dinâmica da libido, ajuda a explicar como ocorre esse enfraquecimento das relações interpessoais ocorre no nível psíquico, levando os indivíduos a se distanciarem cada vez mais de formas de vínculo que demandam compromisso e profundidade emocional. A libido, na teoria freudiana, é entendida como a energia sexual, ou energia das pulsões, que pode ser direcionada a diferentes formas de satisfação e é fundamental para os processos psíquicos. "A libido, como energia psíquica que impulsiona as pulsões sexuais, é a força que determina a formação do ser humano, desde a infância até a maturidade, e é direcionada aos objetos e fases específicas do desenvolvimento." (Freud, 1905, p. 52)

Podemos dizer, que o crepúsculo das relações, ao qual nos referimos, não é necessariamente um fim, mas uma transformação das formas tradicionais de vínculo humano. A psicanálise de Freud oferece um olhar profundo sobre como as mudanças nas relações interpessoais estão conectadas aos conflitos internos, aos desejos inconscientes e aos processos de repressão. Em um mundo onde o individualismo e o narcisismo ganham força, as relações parecem estar se tornando mais volúveis, frágeis e fugazes. No entanto, a psicanálise também nos oferece uma compreensão mais rica dessas dinâmicas, convidando-nos a refletir sobre as complexas motivações que orientam nossas interações com o outro e a nós mesmos.

## 2.1 “Entre luz e sombra: uma perspectiva psicanalítica.”

Em *Venha Ver o Pôr do Sol*, de Lygia Fagundes Telles, os personagens Raquel e Ricardo são abordados de maneira que expõe o complexo psicológico e emocional de cada um, sendo uma análise interessante para a psicanálise.

A dor de amar aparece de forma implícita e trágica, revelando como o amor pode se transformar em sofrimento e até em vingança. A narrativa segue o reencontro de Raquel e Ricardo, ex-namorados que, em um misto de nostalgia e amargura, representam duas perspectivas distintas do que restou da relação. Ricardo convida Raquel para ver o pôr do sol em um cemitério abandonado, o que logo se revela como uma armadilha. O mesmo motivado pelo ressentimento de ter sido abandonado, manifesta seu "amor" de forma distorcida, que resulta em uma vingança cruel. Esse ato simboliza como um sentimento que antes poderia ter sido amoroso e carinhoso se corrompe, transformando-se em rancor. Para ele, o amor se torna uma obsessão possessiva, que culmina em uma punição para Raquel.

Lygia Fagundes Telles explora, assim, as profundezas sombrias das emoções humanas, onde o amor não é idealizado, mas representado em sua complexidade, como um sentimento que pode ser tóxico e gerar dor. Ao mostrar as consequências devastadoras de um amor não correspondido e mal resolvido, a autora questiona a fronteira tênue entre o amor e o ódio, ressaltando a vulnerabilidade das pessoas frente aos sentimentos intensos.

A expressão "entre luz e sombra" evoca a dualidade intrínseca à experiência humana, refletindo a constante oscilação entre os aspectos conscientes e inconscientes da psique, entre o que se revela e o que permanece oculto. Essa metáfora de luz e sombra pode ser explorada de maneira profícua através da psicanálise, que, desde seus primeiros desenvolvimentos com Freud, busca compreender os aspectos ocultos da mente humana, ou seja, aquilo que está à sombra da consciência, e como esses aspectos inconscientes se manifestam nas atitudes, sentimentos e relações.

Em psicanálise, a "luz" pode ser associada ao que é consciente, ou seja, a parte da mente que está diretamente acessível à percepção e ao conhecimento do indivíduo. Essas áreas da psique são compostas por pensamentos, sentimentos e memórias de fácil acesso, que o sujeito pode evocar com relativa

facilidade. A luz, nesse sentido, representa a nossa capacidade de entender e refletir sobre as experiências vividas, de integrar a realidade externa com as necessidades e desejos internos.

A luz e a sombra são metáforas poderosas na psicanálise para falar sobre o processo de tornar visíveis os aspectos ocultos do ser humano e integrar essas partes, permitindo o desenvolvimento e a cura. Onde, a "sombra" representa o inconsciente, que é a parte da mente que não está disponível à percepção direta. O inconsciente é o reservatório de desejos reprimidos, traumas esquecidos, impulsos primitivos, e conflitos não resolvidos. Essa área da psique é moldada por fatores como a repressão, a negação e a dissociação, mecanismos psíquicos que ocultam do sujeito experiências ou desejos que são vistos como ameaçadores ou inaceitáveis para a consciência.

Segundo Freud, o inconsciente não é acessado diretamente, mas se manifesta em sonhos, lapsos de linguagem (os famosos "deslizes freudianos"), sintomas, fantasias, atos falhos e, sobretudo, nas relações interpessoais. A dor psíquica pode surgir como resultado da separação de um objeto com o qual temos uma ligação profunda. Fromm (1995), menciona que na relação amorosa se torna algo problemático para o amante que tem sua relação rompida rapidamente, gerando conflitos internos e mal resolvida com sua ex-parceira. Ao sentir a dor de perder alguém, o ser humano se desgasta internamente.

Nós chamamos então de "dor de amar". Agora, completamos dizendo que ela é produzida quando o eu se defende contra o trauma. Mais precisamente, quando a dor psíquica é o afeto que traduz na consciência reação defensiva do eu quando, sendo comocionado, ele luta pra se reencontrar. A dor é, pois uma reação. (Nasio, 2007, p. 29).

Em Freud, a consciência é o que temos de mais próximo de um estado de "luz" na psique. A psique, em sua totalidade, está dividida entre o que é consciente, o que é pré-consciente (aquilo que pode ser trazido à consciência com esforço) e o inconsciente, que é uma vasta região onde habitam todos os conteúdos reprimidos. Freud descrevia o inconsciente como um lugar de conflito e desejo reprimido, cujas manifestações podem causar angústia e sintomas psíquicos.

"A psique humana é composta por três instâncias psíquicas que se encontram em permanente conflito: o id, o ego e o superego. O id busca a satisfação imediata dos desejos e instintos, o ego tenta conciliar essas demandas com as exigências da realidade, enquanto o superego age como uma instância moralizadora, internalizando as normas sociais." (Freud, 1923, p. 48)

Os mecanismos de defesa são uma parte fundamental do funcionamento psíquico que ajudam a manter a "sombra" escondida. A repressão é o principal mecanismo de defesa identificado por Freud, que atua para bloquear a entrada de conteúdos perturbadores na consciência.

"O ego não é apenas o executor das ordens do id, mas também tem que proteger a pessoa das frustrações da realidade. A repressão, como um mecanismo de defesa, é a principal estratégia do ego para afastar do consciente os impulsos do id que são ameaçadores ou intoleráveis." (Freud, 1923, p. 52).

As relações interpessoais também são um campo fértil para a manifestação das luzes e sombras da psique. A projeção da sombra é um mecanismo psíquico frequentemente observado nas interações humanas. Muitas vezes, em nossos relacionamentos, projetamos aspectos nossos que não aceitamos ou não reconhecemos sobre nós mesmos nos outros. A pessoa que criticamos ferozmente, por exemplo, pode estar expressando traços que nós mesmos temos, mas que não conseguimos integrar ou aceitar.

A metáfora de luz e sombra também pode ser aplicada ao contexto cultural e social. Em uma sociedade que valoriza a visibilidade, a transparência e a expressão da individualidade, há uma tendência a ocultar o que é considerado "indesejável", "imperfeito" ou "negativo". Isso cria uma cultura de normalização e de repressão das partes mais sombrias da psique e da sociedade.

"Entre luz e sombra" é, portanto, uma metáfora poderosa para a compreensão do funcionamento psíquico humano. Na psicanálise, a luz da consciência e a sombra do inconsciente estão em constante interação, com a consciência iluminando aspectos da psique e ao mesmo tempo sendo constantemente desafiada pela presença do inconsciente. O trabalho psicanalítico busca tornar visíveis essas sombras, integrar aspectos reprimidos e promover um processo de autoconhecimento e individuação. Em última

instância, é através do encontro e da integração da luz e da sombra que o ser humano pode alcançar uma compreensão mais profunda de si mesmo e melhorar suas relações interpessoais, tornando-se mais inteiro e autêntico.

Contudo, ao longo do conto, revela-se sua verdadeira intenção, demonstrando um lado sombrio e manipulador. Na perspectiva psicanalítica, Ricardo apresenta traços que indicam uma personalidade narcisista, revelando um prazer em subjugar e controlar a vontade do outro. O narcisismo, segundo Freud: "O narcisismo é, portanto, um investimento de libido no próprio eu, que é comum a todos os seres humanos em alguma medida." (Freud, 1914, p. 74). A personalidade narcisista na visão freudiana é identificada por uma busca incessante por admiração, uma necessidade de ser o centro das atenções e uma falta de empatia pelos outros.

O que acontece com Ricardo, que tem um desejo de vingança e dominação pode ser interpretado como uma resposta ao ferimento narcísico causado pelo rompimento com Raquel, desencadeando um comportamento sádico. Que de acordo com o autor Lacan (1964), "O sadismo, como forma extrema de satisfação, é a tentativa de substituir a falha que é constitutiva do sujeito pela suposta satisfação do outro.

"O sujeito narcisista tenta por isso dominar o outro, como se isso fosse uma forma de reconstituir sua totalidade.". (Lacan, 1964, p. 197). O psicanalista destaca a dinâmica do desejo e da falta nas relações de poder e controle. O comportamento sádico envolve uma busca de prazer através da dominação, humilhação ou sofrimento de outro, refletindo uma profunda dinâmica de poder, controle e manipulação.

Esse encontro do ex namorados em um cemitério é como um cenário metafórico de poder, onde busca enterrar simbolicamente a liberdade de Raquel. Sendo que conceito de "enterro simbólico" da personagem Raquel pode ser interpretado à luz da teoria psicanalítica, especialmente considerando os conceitos de repressão, o inconsciente e a dinâmica entre o desejo e a culpa. Raquel, ao longo da narrativa, é uma personagem que passa por um processo de repressão de seus próprios desejos e liberdade.

Ela se vê constrangida por sua situação emocional, afetiva e social, sendo forçada a se adaptar a um conjunto de normas e expectativas, muitas das quais estão em conflito com seus próprios impulsos e desejos mais profundos.

Essa "morte simbólica" da liberdade pode ser vista como uma forma de repressão, um processo psíquico descrito por Freud. Na psicanálise, a repressão é um mecanismo de defesa pelo qual conteúdos e impulsos indesejados ou dolorosos (como desejos sexuais, agressivos ou de liberdade pessoal) são excluídos da consciência.

Quando Raquel "enterra simbolicamente sua liberdade", ela pode estar suprimindo sua própria capacidade de agir de acordo com suas vontades mais autênticas, subordinando-se ao desejo de agradar os outros ou cumprir com expectativas sociais. Isso pode ser visto como um tipo de repressão de sua verdadeira natureza e de seus desejos mais profundos. Freud também fala sobre a culpa associada ao desejo e à transgressão de normas. Raquel pode experimentar um conflito entre seus impulsos e os limites impostos pela sociedade ou pela moralidade internalizada (superego).

Ao "enterrar" sua liberdade, ela pode estar tentando evitar a culpa associada ao ato de buscar a satisfação de suas próprias necessidades emocionais ou sexuais, algo que não é aceito ou é visto como inadequado pela sociedade em que vive. Na psicanálise, o conceito de morte simbólica está associado à perda da autenticidade e da liberdade pessoal em nome de uma identificação com figuras externas, como pais, parceiros ou normas sociais. Raquel, ao "enterrar" sua liberdade, pode estar assumindo um papel passivo, sacrificando sua própria identidade para corresponder às expectativas externas. Isso pode refletir uma identificação excessiva com a figura do outro, em detrimento de sua própria autonomia psíquica. De acordo com a psicanálise, o processo de individuação envolve a reconciliação entre o consciente e o inconsciente, permitindo à pessoa integrar os aspectos mais reprimidos de sua psique.

No caso de Raquel, "enterrar simbolicamente a liberdade" pode ser visto como uma consequência de sua incapacidade de se reconciliar com esses aspectos de sua personalidade. A libertação simbólica ocorrerá apenas quando ela for capaz de confrontar os aspectos reprimidos e aceitar suas próprias necessidades e desejos. E poderá ser entendido como um processo de repressão e supressão de seus próprios desejos e autonomia, em nome de atender às expectativas externas ou de evitar o sofrimento psíquico decorrente da transgressão de normas internalizadas.

Esse comportamento está vinculado ao conflito entre o desejo (id), que é a fonte dos desejos e impulsos instintivos, entrando em conflito com o superego, que representa a internalização das normas e valores morais, a moralidade (superego), gerando um sofrimento psíquico que, no caso da personagem, se manifesta na perda de sua liberdade pessoal e emocional.

"O id contém os desejos e impulsos primitivos, buscando a satisfação imediata sem considerar as implicações morais. O superego, por outro lado, age como um juiz moral, impondo normas e valores, frequentemente em conflito com as exigências do id. O ego tem a tarefa difícil de mediar entre essas forças, equilibrando os desejos do id com as exigências da moralidade do superego." (Freud, 1923, p. 50).

Perceptível no trecho da obra, "Raquel se sentia cada vez mais sufocada, como se estivesse enterrando sua liberdade, seus próprios desejos e sentimentos em nome de algo maior que a aprisionava" (Telles, 1996, p. 123). Muitas vezes, passar pelo processo de aceitação de que a relação chegou ao fim e de que a pessoa amada se foi não é fácil. Enfrentar essa realidade gera uma dor profunda para quem se sente abandonado e rejeitado.

Raquel, por sua vez, demonstra certa vulnerabilidade emocional. Ao aceitar o convite, mesmo que com certa desconfiança, podemos interpretá-la como uma personagem que talvez esteja movida por um desejo de reviver uma idealização do passado. Sua atitude pode ser vista como um desejo inconsciente, oculto, revelando uma vontade ou impulso que está reprimido na mente, ou seja, um desejo que o sujeito não tem acesso consciente, mas que influencia seus pensamentos, comportamentos e emoções de maneira indireta. Onde existe o desejo não reconhecido pela consciência, mas que acaba influenciando as atitudes, comportamentos e emoções do indivíduo.

Esses desejos reprimidos, muitas vezes, surgem na forma de símbolos ou em atos falhos (como os lapsos de linguagem ou os erros aparentemente acidentais), sonhos e sintomas neuróticos. "O processo de repressão é o mecanismo que exclui da consciência as representações que são desagradáveis ou perigosas para o ego e as mantém no inconsciente. Sendo que essas representações reprimidas são, portanto, os desejos não realizados ou material psíquico não acessível à consciência.". (Freud, 1900, p.42).

É evidenciado também, um possível reflexo de uma fixação em uma fase anterior de sua vida, onde se relacionava com Ricardo. Essa fixação, segundo Freud, é um bloqueio emocional ou psicológico que impede o sujeito de avançar de forma saudável para as fases seguintes do desenvolvimento psicossexual, levando a padrões de comportamento e atitudes que persistem na vida adulta, muitas vezes influenciando negativamente sua psique e seu funcionamento social. "Quando uma criança não passa suficientemente para a fase seguinte do desenvolvimento, ela se fixa em uma fase anterior, e os impulsos não resolvidos continuam a influenciar suas ações e a formação de sua personalidade." (Freud, 1905, p. 36).

Ao longo do conto, Raquel percebe gradualmente a real natureza das intenções de Ricardo e é dominada por uma sensação de ameaça, o que evoca um medo primitivo e profundo. Esse medo está interligado a uma forma de perturbação ou medo que remonta às primeiras experiências do ser humano, muitas vezes associadas ao inconsciente e aos conflitos psíquicos primitivos. Esse tipo de medo é considerado uma resposta emocional instintiva e não racional, derivada de uma ameaça interna ou externa percebida como algo muito poderoso e incontrolável.

O autor relaciona esse medo a diversos aspectos da experiência humana, desde o nascimento até as primeiras vivências infantis, dando uma sensação de angústia e ameaça vinculada aos primeiros estágios da vida e aos conflitos inconscientes que formam a base do ser humano. Ele está relacionado a questões fundamentais, como o medo da perda, do abandono, da castração, da morte. Para Freud, esses medos não são apenas psicológicos, mas profundamente ligados ao inconsciente, e seu enfrentamento é central para a formação do indivíduo e de sua psique ao longo da vida.

O pensamento de Sigmund Freud sobre a dor de amar está profundamente ligado à sua concepção do inconsciente e dos processos emocionais humanos. Freud acreditava que o amor, assim como outros sentimentos intensos, podia despertar uma série de conflitos inconscientes, muitas vezes dolorosos, que revelam o lado ambivalente dos nossos desejos e medos.

Para Freud, o amor é uma força poderosa, mas nem sempre harmoniosa. Em sua teoria sobre as pulsões, ele descreve a "pulsão de vida"

(Eros) como uma energia vital que impulsiona o ser humano a buscar o prazer e o apego a outras pessoas. No entanto, essa mesma energia também pode causar sofrimento, pois, como Freud escreveu, "nunca somos tão vulneráveis ao sofrimento como quando amamos" (Freud, 1929, p. 58). Promovendo uma discussão de como o amor, ao despertar desejos intensos e envolver uma entrega emocional profunda, pode tornar o indivíduo vulnerável ao sofrimento, especialmente diante da frustração desses desejos ou da perda do objeto amado. O amor, nessa perspectiva, nos coloca em uma posição de vulnerabilidade, uma vez que implica o desejo por outra pessoa, o que abre espaço para a possibilidade de rejeição, perda ou frustração.

Freud explora a relação entre o amor e a perda, destacando a dor emocional profunda que acompanha o processo de luto. Ele argumenta que o sofrimento causado pela perda de um objeto amado é inevitável, pois envolve o desprendimento de um vínculo emocional significativo. A tristeza e o luto, para Freud, fazem parte de um processo psíquico necessário, onde o sujeito deve gradualmente se desvincular da pessoa ou objeto perdido, para então reconstruir sua psique e adaptar-se à nova realidade. O autor escreve: "O luto é a reação à perda de um objeto amado, e essa dor é um reflexo do amor que sentimos por esse objeto." (Freud, S.1917, p.243).

Esse padrão inconsciente pode nos levar a repetir experiências de dor e perda, alimentando a ambivalência do amor. Onde Freud, (1920), afirma a ideia de que a busca pelo prazer muitas vezes é acompanhada pela dor e pelo sofrimento, ele diz: "o amor é um caminho que leva à dor, pois a satisfação não é garantida." (p.123).

Freud entende que muitas vezes os conflitos e as dores gerados pelo amor não encontravam solução, mas, sim, uma transformação: "O amor e o trabalho são os pilares de nossa humanidade" (Freud, 2010, p.106). Nesse sentido, amar pode envolver dor, mas também pode se tornar uma fonte de criação e de busca por sentido.

A dor de amar, para Freud, é uma expressão da vulnerabilidade humana e da nossa busca incessante por completude através do outro, mesmo quando isso nos faz reviver velhas feridas. Freud (1996) ao frisar esse tema ressalta que após vivenciar uma perda torna-se imprescindível que o indivíduo passe pelo processo de elaboração do luto, através do qual tornará possível a morte

simbólica do outro em sua consciência, superando de maneira dolorosa, porém saudável, a dor de uma separação ou de uma perda.

O indivíduo sente a necessidade de possuir um objeto de amor, mesmo que seja fruto de sua imaginação, como um meio de sustentar sua existência. O sujeito enfrenta um dilema complicado a ser enfrentado, porém indispensável, pois enquanto o amor proporciona prazer ao sujeito, sua ausência o conduz a um vazio, a um colapso.

Há uma sugestão que o indivíduo com possa em algum momento de sua vida, sofra com a "dor de amar". Onde, essa "dor de amar" não seja um conceito técnico formalmente identificado nas escritas de Freud, porém reforça a ideia de sofrimento relacionado ao amor e suas complexas dinâmicas emocionais e psíquicas aparece frequentemente nos escritos freudianos. Freud discutiu a dor emocional ligada ao amor em contextos como o amor romântico, a inveja, o ciúme e as frustrações no campo das relações afetivas. Abordando a relação entre o desejo e a dor, destacando a tensão entre as necessidades libidinais e as restrições da civilização. "A dor de amar é, então, a dor de ser afastado da satisfação sexual, ou, no caso de não haver desejo sexual, é a dor de ser afastado do amor de maneira geral" (Freud, 1905, p. 71).

Para o autor, a vulnerabilidade de amar está relacionada tanto aos riscos inerentes ao amor quanto aos conflitos inconscientes que ele desperta. Este estado vulnerável indica a complexidade humana, pois buscamos a completude e a segurança no outro, mesmo tendo conhecimento que isso pode interligar o sofrimento e o despertar de feridas emocionais do passado.

O conto explora a dinâmica de poder entre os personagens, sendo possível enxergar Ricardo como a personificação de uma figura autoritária e invasiva, enquanto Raquel representa uma figura que tenta resistir a essa imposição, mas é surpreendida pela agressividade que se esconde sob a aparência inicial. Surgindo assim, uma reflexão de paradoxo entre desejar e de investir no outro, mesmo diante da possibilidade de rejeição ou desilusão.

Freud em sua obra *Luto e Melancolia* (1917) fala sobre as questões relacionadas às perdas, bem como sobre o processo de elaboração que ocorre por meio da reelaboração da ausência de um objeto ou pessoa. Freud explora as reações psicológicas a perdas significativas, com foco no luto e na melancolia. Ele faz uma distinção entre os dois processos: o luto seria uma reação normal à

perda de um objeto (pessoa ou situação) amado, enquanto a melancolia seria uma condição patológica, em que o indivíduo não apenas sofre a perda, mas também internaliza o objeto perdido e se volta contra si mesmo.

No luto, Freud descreve que o indivíduo passa por um processo de adaptação, onde gradualmente vai se desvinculando do objeto perdido e reorganizando suas energias psíquicas. Já na melancolia, o sofrimento é mais profundo e complicado, envolvendo a perda do objeto, mas com um componente de autocrítica exacerbada e um sofrimento intenso que afeta a autoestima. "A melancolia é, portanto, um luto patológico. A diferença entre ambos os processos é que no luto o sujeito separa-se do objeto perdido, enquanto na melancolia ele o mantém dentro de si e transforma-se, por assim dizer, num 'inimigo de si mesmo'" (Freud, 1996, p. 127).

Assim, *Venha Ver o Pôr do Sol* expõe uma metáfora dos conflitos humanos, onde desejos inconscientes e pulsões reprimidas afloram, levando a uma tensão que culmina em um desfecho trágico, revelando a complexidade psicológica dos personagens e a exploração dos aspectos mais profundos e obscuros da psique humana.

### **CAP. III - A CONSTRUÇÃO PSICOLÓGICA DOS PERSONAGENS EM *VENHA VER O PÔR DO SOL*: UMA ANÁLISE DAS CARACTERÍSTICAS MARCANTES NO CONTEXTO DAS RELAÇÕES HUMANAS.**

A análise da condição humana na contemporaneidade, que é fundamental porque ajuda a compreender os desafios e questões enfrentadas pela sociedade moderna, como a busca por identidade, as mudanças nos relacionamentos interpessoais.

Realizar essa análise literária é um processo complexo que envolve a interpretação de suas características, vozes e ações dentro do enredo. Para entender profundamente a essência de um personagem, é necessário explorar suas múltiplas camadas de identidade e a forma como suas vozes (internas e externas) moldam o desenvolvimento da trama. A literatura clássica e contemporânea apresenta personagens que não são apenas arquétipos ou estereótipos, mas construções complexas que dialogam com questões existenciais, sociais e psicológicas.

De acordo com Mikhail Bakhtin, o conceito de "voz" é essencial para a análise dos personagens, pois ele acredita que cada ser humano (e, portanto, cada personagem) traz consigo uma multiplicidade de vozes que representam diferentes níveis de consciência e interações com o mundo. Bakhtin afirma que: "Cada personagem é uma pluralidade de vozes, um entrelaçamento de vozes que reflete a complexidade da vida humana. A voz de um personagem nunca é monolítica; ela é, na verdade, uma combinação de diferentes camadas e contextos históricos e sociais." (Bakhtin, 1987, p. 52)

A partir dessa perspectiva, a voz de um personagem não é apenas a maneira como ele fala, mas também como ele é influenciado por outras vozes presentes no contexto social e cultural em que vive. Essa interação de vozes cria um espaço de tensão e diálogo, essencial para a criação de personagens ricos e multifacetados.

No campo da psicologia, a análise das características dos personagens também leva em consideração a complexidade das emoções humanas. O conceito de "homem melancólico", por exemplo, pode ser observado na obra de alguns escritores, como nos romances de Dostoiévski, em que os personagens

frequentemente lidam com conflitos internos profundos. Segundo o filósofo e psicanalista Sérgio Telles: "O personagem melancólico é marcado por uma desconexão entre seus sentimentos internos e as expectativas externas, vivendo em constante confronto com uma realidade que lhe é opaca e difícil de compreender." (Telles, 2008, p. 76)

Esse tipo de personagem é interessante porque revela como as características emocionais e psicológicas são fundamentais para a compreensão da essência de um ser humano, ou de um personagem, em qualquer narrativa. A melancolia, então, não é apenas uma condição psicológica, mas um reflexo das lutas internas que determinam a forma como o personagem vê a si mesmo e o mundo ao seu redor.

A investigação das características e vozes dos personagens exige um olhar atento para as múltiplas dimensões que os compõem. A interação entre suas vozes internas e externas, suas relações com outros personagens e seu contexto social e histórico formam um retrato multifacetado que revela a complexidade da condição humana. O personagem não é apenas uma criação ficcional, mas um espelho das questões mais profundas e universais que os autores buscam explorar.

Essa análise também pode fornecer percepções sobre como lidar com a mente humana e promover um maior bem-estar individual e coletivo.

### **3.1 – Desvendando a Essência: Uma investigação acerca das características e vozes dos personagens.**

*Venha ver o pôr do sol*, de Lygia Fagundes Telles, é uma obra rica em detalhes e nuances que revelam as complexidades de seus personagens. A autora utiliza suas características para explorar temas como a solidão, o amor e a busca por identidade.

Telles costuma fazer uso de jogos amorosos em suas obras, ocorrendo através dos contínuos encontros e desencontros entre os personagens. Aquele casal convencional apaixonado em perfeito equilíbrio; o amor é retratado de forma realista, afastando qualquer idealização de algo eterno ou plenamente feliz, o que leva a uma inevitável possibilidade de insatisfação, como se o amor fosse algo inatingível. Os seus personagens habitualmente enfrentam dilemas

internos, estão envolvidos em conflitos pessoais, permanecendo em constantes reflexões, almejando um propósito para a vida e fantasiando um outro ser que possa satisfazer o vazio que sentem. Segundo a visão de Maria Cecília Rufino (2007):

O amor vivido pelas personagens Iygianas caracteriza-se por apresentar a problemática de Eros considerado o desejo total, aquele que não decresce jamais, que não se satisfaz e que não se realiza em nosso mundo, porque deseja abraçar o todo e vive numa constante busca pela satisfação (Rufino, 2007, p.15).

Um dos personagens centrais é a protagonista, que se destaca pela sua introspecção e sensibilidade. Como expressa Telles, "ela carrega dentro de si um universo de sonhos e medos" (2009, p. 45).

Raquel é descrita como uma mulher que vive em constante introspecção. Ela reflete sobre sua vida, suas escolhas e a passagem do tempo, simbolizada pelo pôr do sol. Segundo a crítica literária Nelly Novaes Coelho, essa reflexão íntima revela a busca por um sentido existencial, mostrando como a mulher é muitas vezes moldada pelas expectativas sociais e pressões familiares. "A mulher reflexiva não se contenta com o mundo tal como ele é. Ela questiona, reflete, e busca entender o papel que desempenha, tanto no âmbito pessoal quanto no social, revelando-se uma constante criadora de sentidos." (Coelho, 2000, p. 48).

Outro personagem importante é o amor da protagonista, cuja personalidade é marcada por uma mistura de paixão e insegurança. A autora descreve-o como "um homem que, apesar de forte, tem suas fraquezas, revelando-se vulnerável diante dos sentimentos" (p. 62). Essa fragilidade torna-o mais humano e acessível, permitindo ao leitor se conectar com sua história.

O personagem masculino, que acompanha a protagonista, é marcado por uma melancolia profunda. Ele representa os dilemas da masculinidade e as fraquezas humanas. O teórico Mikhail Bakhtin argumenta que essa melancolia reflete uma crise de identidade, onde a voz do homem se torna uma narrativa em conflito com as expectativas tradicionais de virilidade. O autor não aborda diretamente o conceito de "homem melancólico" de maneira isolada. É possível fazer uma conexão com o conceito de melancolia a partir de suas discussões sobre o sujeito, a vida interior e os múltiplos tons do espírito humano, mas vale ressaltar que ele não usa especificamente o termo "homem melancólico" de

forma explícita. "O homem é um ser dividido, fragmentado, que se constrói e se refaz continuamente em um processo de múltiplas experiências, as quais são, em si, contraditórias e carregadas de sofrimento, que fazem parte de sua própria formação." (Bakhtin, 1987, p. 92)

Além disso, a relação entre os personagens é fundamental para a trama. Telles mostra como as interações revelam as características individuais de cada um. "Os diálogos são como espelhos que refletem não apenas o que se diz, mas o que se sente" (2009, p. 78). Essa profundidade nas relações interpessoais enriquece a narrativa e proporciona uma compreensão mais ampla das emoções humanas.

A obra não apenas apresenta personagens, mas também os coloca em situações que desafiam suas características. Através dessas experiências, Telles nos leva a refletir sobre a condição humana, mostrando que "cada pôr do sol é uma nova oportunidade de se reinventar" (2009, p. 102). Assim, os personagens de *Venha ver o pôr do sol* tornam-se representações da luta interna que todos enfrentamos, tornando a leitura uma experiência profundamente ressonante.

O foco principal da obra recai sobre os dois personagens centrais, Ricardo e Raquel. No entanto, alguns elementos ou figuras secundárias, mesmo que não sejam diretamente participantes, podem ser considerados como personagens secundários indiretos ou simbólicos. O espaço físico onde a narrativa se desenrola, especialmente o cemitério abandonado e a capela, exerce um papel crucial na construção da atmosfera. Pode ser visto como um "personagem" simbólico, representando a morte, o abandono e o desfecho trágico. Durante a interação entre eles, há referências a pessoas do passado, como, a mãe de Ricardo, citada brevemente, simboliza a conexão de Ricardo com o ambiente do cemitério e contribui para a sensação de mistério e tragédia, bem como também a menção de outros ex-namorados de Raquel e embora não tenham presença direta, são mencionados por Ricardo, revelando sua possessividade e ciúme.

E esses personagens secundários, que cercam a protagonista e o homem melancólico servem como reflexos ou contrastes às suas personalidades. Eles trazem à tona temas como a solidão, a busca por amor e a fragilidade das relações.

Em uma parte do texto, nota-se que as atitudes de Ricardo não indicavam, de forma alguma, que algo inesperado estava prestes a acontecer. Ele se aproximava de Raquel com muito afeto, mas seu discurso carregava um leve sarcasmo. “– Raquel, minha querida, não faça assim comigo. Você sabe que eu gostaria era de te levar ao meu apartamento, mas fiquei mais pobre ainda, como se isso fosse possível” (Telles, 2009, p. 136). Enquanto ouvia um discurso envolvente e afetuoso, Raquel não conseguia se concentrar em nada além do ambiente inconveniente que seu ex namorado escolheu para o último encontro do ex casal. Com uma certa preocupação com sua aparência, pois a mesma demonstrava uma vaidade, onde sempre tratava Ricardo de forma arrogante. “- Veja que lama. Só você mesmo inventaria um encontro num lugar destes. Que ideia, Ricardo, que ideia!” (Telles, 2009, p. 135).

Percebe-se, então, que o comportamento de Raquel se mantém constante ao longo de toda a história, demonstrando ser uma jovem ingênua e desatenta, se deixando manipular por Ricardo sem perceber suas expressões faciais, que já denunciavam sua raiva, disfarçada pelas atitudes carinhosas que tinham a intenção em ocultar suas verdadeiras intenções. A postura mesquinha de Raquel ia provocando, cada vez mais, a irritação de Ricardo, que ficava impressionado com a arrogância da moça, que fazia questão de evidenciar o quanto estava feliz com seu novo namorado. Isso só intensificava a vontade de Ricardo em se vingar. “Ele riu malicioso e ingênuo”, ao observar as atitudes de Raquel tenta disfarçar suas perturbações psíquicas, “– [...] pensei que viesse vestida esportivamente e agora me aparece nessa elegância. Quando andava comigo, usava uns sapatos de sete léguas, lembra?” (Telles, 2009, p. 135). No entanto, a protagonista não demonstrava preocupação com a opinião de Ricardo; o que ela queria de fato era fim de tal encontro, deixando claro que não tinha mais interesse em vê-lo.

A vaidade excessiva e a arrogância a impedem de perceber Ricardo e suas declarações sutis, repletas de significados implícitos. “Mas enterro de quem? Raquel, Raquel, quantas vezes preciso repetir a mesma coisa? Há séculos ninguém mais é enterrado aqui, acho que nem os ossos sobraram, que bobagem” (Telles, 2009, p. 137).

É necessário destacar que só aumenta o ambiente de tensão, provocando uma atmosfera de suspense cada vez maior. A descrição do espaço

denota ao leitor a perspectiva de um lugar obscuro: “Ele voltou-se para o velho muro arruinado. Indicou com o olhar o portão de ferro, carcomido pela ferrugem. – Cemitério abandonado, meu anjo. Vivos e mortos, desertaram todos. Nem os fantasmas sobraram, olha aí como as criancinhas brincam sem medo” (Telles, 2009, p. 136).

E mesmo Ricardo deixando subtendido que o cemitério seria o ambiente ideal concretizar sua vingança, ele a tranquiliza, fazendo com que a mesma acreditasse que ali nada de ruim aconteceria, que seria um encontro secreto, local de pouca movimentação, a moça com sua ingenuidade, carregada de certeza do sentimento de amor vindo de Ricardo, não acreditava na possibilidade de se tornar vítima do seu ex-namorado. Então de forma sarcástica ri da situação, de ter sido convidada para assistir a um pôr do sol em um cemitério, onde até mesmo ria da situação. “– Ricardo e suas ideias” (Telles, 2009, p. 136).

Raquel se sentia completamente segura de si, encarando o ex-namorado como um simples escravo de seu amor. Ela sabia o quanto ele a amava intensamente e zombava desse sentimento, desprezando-o sem hesitar. Sua autoconfiança foi o que a levou a aceitar o convite para um último encontro, no qual ambos desfrutariam de um belo pôr do sol no final da tarde. Contudo, suas intenções ardilosas foram ofuscadas pelas palavras de um homem completamente envolvido pela paixão não correspondida.

O discurso dele, cheio de dor e sinceridade, fez com que Raquel começasse a acreditar em suas boas intenções, levando-a a se sentir culpada por não retribuir o amor que ele lhe oferecia. Assim, ela acabou aceitando o encontro, tomada por um sentimento de pesar que não esperava.

- Conheço bem tudo isso, minha gente está enterrada aí. Vamos entrar um instante e te mostrarei o pôr do sol mais lindo do mundo. Ela encarou-o um instante. E vergou a cabeça para trás numa risada. - Ver o pôr do sol? Ah, meu Deus... Fabuloso, fabuloso! Me implora um último encontro, me atormenta dias seguidos, me faz vir de longe para esta buraqueira, só mais uma vez, só mais uma! E para quê? Para ver o pôr do sol num cemitério. Ele riu também, afetando encabulamento como um menino pilhado em falta. (Telles, 2009, p. 136).

No decorrer da narrativa, é possível identificar que a expressão facial do rapaz varia conforme suas emoções. Seus gestos eram sempre controlados, e as rugas surgiam em seu rosto nos momentos de intensa raiva.

Ficou sério. E aos poucos, inúmeras rugazinhas foram-se formando em redor dos seus olhos ligeiramente apertados. Os leques de rugas se aprofundaram numa expressão astuta. Não era nesse instante tão jovem como aparetava. Mas logo sorriu e a rede de rugas desapareceu sem deixar vestígios (Telles, 2009, p. 137). [...] Ele apanhou um pedregulho e fechou-o na mão. A pequenina rede de rugas voltou a se estender em redor dos seus olhos. A fisionomia, tão aberta e lisa, repentinamente escureceu, envelhecida. Mas logo o sorriso reapareceu e as rugazinhas sumiram (Telles, 2009, p.138). [...] Ele já não sorria. Estava sério, os olhos diminuídos em redor deles, reaparecerem as rugazinhas abertas em leque (Telles, 2009, p. 143).

Visivelmente, nota-se uma contenção da ira de Ricardo, porém, demonstrava um alto poder de persuasão. Demonstrava em momentos constantes que se preocupava com o bem-estar de Raquel, mas, ao mesmo tempo, tentava preservar o sigilo do encontro para proteger a imagem dela. No entanto, suas palavras revelavam sinais de suas reais intenções. Infere-se que Ricardo, ao se dirigir a Raquel, adota um discurso de posse, evidenciado, como se ela fosse um objeto que deveria pertencer exclusivamente a ele. E embora a protagonista demonstrasse um certo receio daquele local, continuou ali. Raquel cada vez mais, era influenciada: “amuada mas obediente, ela se deixava conduzir como uma criança” (Telles, 2009, p. 138). Assim, de forma ingênua, ela se entrega ao seu próprio destino, iludindo -se pela aparente boa intenção de Ricardo de contemplar uma bela paisagem, interpretada como um gesto de um amor. E em determinado momento subtende-se que existiu um amor vindo da protagonista, “Raquel tirou-lhe o cigarro, tragou e depois devolveu-o. – Eu gostei de você, Ricardo. – E eu te amei. E te amo ainda. Percebe agora a diferença?” (Telles, 2009, p. 140).

Porém, o ódio de Ricardo, fica disfarçado por sua aparência, mas acaba aos poucos se revelando, mesmo que de maneira implícita em suas palavras; era essa a morte que ele havia planejado para Raquel, “nem lembrança, nem saudade, nem o nome sequer” (Telles, 2009, p. 139). Essa paixão obsessiva o cegou, Ricardo não media as consequências para ela e nada o faria mudar de

ideia. A morte dela seria a única opção de aliviar sua dor e seu sentimento de inadequação.

É possível perceber que Ricardo é um personagem repleto de anseios e questionamentos, o que o torna uma pessoa insegura e vulnerável tanto ao bem quanto ao mal. A simples ideia de viver sem Raquel o atormentava, uma dor que ele não conseguia suportar. Que de acordo com a perspectiva de Kristeva, para um homem “nada é mais doloroso do que uma ruptura amorosa.” (Kristeva, 1941, p. 423), tem uma dificuldade em aceitar ser possivelmente trocado por outra pessoa.

Para o leitor, leitor entende que o motivo que levou Ricardo a planejar essa vingança cruel foi o amor que ele acreditava sentir pela moça. Esse amor doentio e não correspondido gerou ciúmes, raiva, ódio e um profundo desagrado pela vida. Em conformidade com o autor Stendhal (2007, p. 79) “quando algum movimento de ciúme ou desprazer conduz ao sangue-frio, pode-se geralmente realizar falas próprias para fazer nascer a ebriedade favorável ao amor”, onde, essa loucura em nome do amor não conseguiu florescer em Ricardo, pois Raquel, com seus atos sempre rudes e atitudes arrogantes aos olhos dele, acabou fortalecendo seu plano, substituindo o amor pelo ódio.

É possível, o leitor criar uma imagem do cenário macabro desse encontro, as “folhas secas trituradas sobre os pedregulhos” (Telles, 2009, p. 138), a “capelinha coberta de alto a baixo por uma trepadeira selvagem”, “um pássaro rompeu o cipreste e soltou um grito” (Telles, 2009, p. 140), formando elementos que intensificam e reforçam o caráter sombrio, desolado e abandonado daquele lugar. Estava quase no momento de Ricardo se livrar de toda a sua insatisfação. Ao chegar ao túmulo onde aprisionaria Raquel, ele, de maneira astuta, utiliza palavras tristes e ambíguas para persuadir Raquel a entrar no sepulcro, alegando que se tratava de um túmulo de sua família.

— Que triste que é isto, Ricardo. Nunca mais você esteve aqui? Ele tocou na face da imagem recoberta de poeira. Sorriu, melancólico. — Sei que você gostaria de encontrar tudo limpinho, flores nos vasos, velas, sinais da minha dedicação, certo? Mas já disse que o que mais amo neste cemitério é precisamente este abandono, esta solidão. As pontes com o outro mundo foram cortadas e aqui a morte se isolou total. Absoluta. (Telles, 2009, p. 141).

Existem na narrativa duas perplexidades: o psicológico e o físico, ambos simbolizando o abandono e funcionando como metáforas para a petrificação e a morte, formando uma espécie de labirintos. "Os labirintos no conto, tanto o psicológico quanto o físico, funcionam como representações do abandono, sendo metáforas que evocam a petrificação da alma e a iminência da morte, como destacado por Borges ao associar o labirinto à perda de identidade e ao espaço confuso da mente humana" (Borges, 1999, p. 142).

A psicologia freudiana pode ser aplicada para entender como o labirinto também representa um emaranhado de processos inconscientes, o que associa a metáfora à ideia de aprisionamento mental e ao confronto com a morte psíquica. E de acordo com a perspectiva de Costa (2014, p. 35) "a pessoa que ama fica paralisada, indefesa e com os sentimentos confusos, agindo de forma não consciente e praticando toda sorte de loucuras". Havendo um entendimento que, em *Venha ver o pôr do sol*, a morte é vista como a consumação do amor, pelo menos na mente perturbada da personagem masculina.

E em um determinado momento do conto, Ricardo decide acender um fósforo e o oferece a ela para que possa ver de perto o túmulo de sua prima, para observar de perto a semelhança com seus próprios olhos. Ao notar a data de falecimento de Maria Emília, Raquel se deu conta que foi enganada. Ao ler a inscrição na pedra, ela percebe que Maria Emília morreu há muitos anos atrás. “- Mas esta não podia ser sua namorada, morreu há mais de cem anos! Seu menti...” (Telles, 2009, p. 142), mas já era tarde, quando se deu conta da situação já estava trancada. Ele se direciona a Raquel e, de maneira agradável, lhe diz que ela finalmente terá o pôr do sol que ele havia prometido, conseguindo êxito no seu plano, “- Uma réstia de sol vai entrar pela frincha da porta, tem uma frincha na porta. Depois vai se afastando devagarinho, bem devagarinho. Você terá o pôr do sol mais belo do mundo” (Telles, 2009, p. 143). E com isso, o leitor descobre a verdadeira intenção de Ricardo. A angústia de Raquel é assustadora, mas ele em nenhum momento demonstra sensibilidade diante de seu desespero. Simplesmente se despede e se afasta. “- Cretino! Me dá a chave desta porcaria, vamos! – exigiu, examinando a fechadura nova em folha” (Telles, 2009, p.143).

A partir disso, Raquel constata a verdadeira intenção de Ricardo, tudo havia acontecido da maneira que ele havia planejado, a fechadura nova

comprova que nada foi por acaso, ele havia calculado, agindo sorrateiramente, para que tudo acontecesse da forma planejada, onde seu plano não falhasse.

Guardando a chave no bolso, ele retomou o caminho percorrido. No breve silêncio, o som dos pedregulhos se entrechocando úmidos sob seus sapatos. E, de repente, o grito medonho, inumano: — Não! Durante algum tempo ele ainda ouviu os gritos que se multiplicaram, semelhantes aos de um animal sendo estraçalhado (Telles, 2009, p. 143).

Essa louca paixão, digamos uma paixão obsessiva, leva Ricardo a definir, que a morte de Raquel resolveria tudo. Ele acreditava que, ao recordar os momentos felizes que compartilharam, sua ausência faria com que o amasse para sempre. Onde o autor, Stendhal discorre sobre a paixão patológica (2007, p. 86), o mesmo propõe que, “Nesse estado, a fúria nasce facilmente; não lembramos mais que no amor possuir não é nada, gozar é tudo”, o ódio e o desejo de vingança havia nascido no coração de Ricardo, nada o faria mudar de ideia.

Ficando evidente a descrição de um relacionamento cheio de altos e baixos, onde a representação dos protagonistas nos relata que os dois se encontravam às escondidas, no qual é notório algumas alterações de comportamento de ambos “podem servir de base à lembrança de um período que a pessoa viveu por ela mesma, ou de um período vivido por tabela” (Pollak, 1992, p. 202).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em *Venha Ver o Pôr do Sol*, os personagens e a narrativa são permeados por um jogo psicológico de poder, controle e destruição, que pode ser interpretado à luz da psicanálise como uma manifestação de desejos inconscientes, pulsões de morte e dinâmicas sadomasoquistas. Raquel e Ricardo representam polos opostos de uma mesma tensão psíquica, onde o inconsciente, com seus desejos e medos reprimidos, desempenha um papel central na construção do desenvolvimento trágico.

Neste trabalho, abordamos a complexa interação entre a voz da narrativa e a construção da representação nas obras literárias, com ênfase na análise da funcionalidade do narrador, especialmente no que diz respeito à sua capacidade de criar e moldar a percepção do leitor sobre os personagens e os eventos. A voz narrativa não se limita a ser uma mera ferramenta de transmissão de informações, mas se configura como um elemento essencial na articulação da perspectiva do texto, influenciando diretamente a forma como a realidade é construída e como o leitor se envolve com a narrativa.

A relação entre a representação e o narrador se revela fundamental para a compreensão de como a literatura pode evocar múltiplas camadas de sentidos, ao manipular não apenas o tempo e o espaço, mas também a subjetividade das personagens.

O narrador, ao controlar a informação e a perspectiva, constrói um ponto de vista que oferece uma visão filtrada da realidade, seja por meio de um narrador onisciente, em primeira pessoa ou mesmo através de uma narrativa fragmentada, como vemos em muitos textos contemporâneos. A manipulação dessa voz narrativa é, portanto, um elemento-chave para a construção da representação literária, criando um campo onde o leitor não apenas absorve a história, mas também se vê confrontado com os limites e possibilidades dessa percepção.

Na análise da psicanálise e o crepúsculo das relações, foi possível observar como os elementos da psique humana, em particular os conflitos internos e os mecanismos de defesa, moldam a dinâmica entre personagens e suas interações, sendo profundamente influenciados pela perspectiva narrada.

A psicanálise, quando aplicada à literatura, nos permite entender como as motivações inconscientes e os impulsos reprimidos se tornam partes integrantes da construção das relações e dos conflitos centrais em muitas narrativas, especialmente em histórias que lidam com a complexidade emocional e o sofrimento psíquico.

Através da lente psicanalítica, especialmente no que se refere à luz e sombra nas relações humanas, foi possível explorar as tensões entre o consciente e o inconsciente, o real e o ideal, e como essas dicotomias se manifestam tanto nas representações dos personagens quanto na narrativa que os descreve. A presença de forças contraditórias dentro dos indivíduos – o desejo e a repressão, a luz e a sombra, o amor e o ódio – é uma característica fundamental do comportamento humano e, portanto, da representação literária.

Por fim, ao desvendarmos a essência das personagens e as vozes que as acompanham, fomos capazes de identificar como a escolha do narrador e a manipulação da perspectiva influenciam profundamente a forma como as características desses personagens são percebidas. A voz do narrador não apenas dá forma ao mundo literário, mas também atua como um reflexo das dinâmicas internas dos personagens, revelando suas motivações mais profundas e muitas vezes contraditórias.

A partir dessa análise, fica claro que a narrativa, o narrador e a psicanálise estão interligados na construção das representações literárias, funcionando como um campo de tensão onde a subjetividade humana é explorada, desafiada e reconstruída. A interação entre essas forças cria um espaço narrativo dinâmico, onde a realidade e a ficção se entrelaçam, permitindo uma compreensão mais profunda dos personagens, suas relações e os mistérios que permeiam a condição humana.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. Trad. Marcos de Arruda Mello. 1. ed. São Paulo: Hucitec, 1987.
- BORGES, Jorge Luis. *Labirintos e outras histórias*. Tradução de Maria de Lourdes Nunes. 4. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- CARUSO, Igor. *A separação dos amantes: uma fenomenologia da morte*. Trad. João Silvério Trevisan. 4. ed. São Paulo: Diadorim, 1984.
- CHORA, Dina Teresa Chainho. *Os romances de Lygia Fagundes Telles: uma tessitura narrativa na senda do humano*. Tese (Doutorado) — Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, Departamento de Literaturas Românicas, 2014.
- COELHO, Nely Novaes. *A mulher reflexiva*. 1. ed. São Paulo: Ed. Ática, 2000.
- COSTA, Maria Aparecida da. *A paz tensa da chama fugaz: a configuração do amor no romance contemporâneo, Lygia Fagundes Telles e Lídia Jorge*. Natal: Udufrn, 2015.
- FREUD, S. *Além do princípio do prazer*. Rio de Janeiro: Imago, 1920.
- FREUD, S. *O futuro de uma ilusão*. Rio de Janeiro: Imago, 1930.
- FREUD, S. *O mal-estar na civilização*. Trad. J. A. M. de Almeida. Companhia das Letras, 2010. (Original publicado em 1930).
- FREUD, S. *O mal-estar na civilização*. Trad. J. A. M. de Almeida. Companhia das Letras, 2010. (Original publicado em 1929).
- FREUD, S. *A interpretação dos sonhos*. Trad. Paulo César de Souza. 18. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, S. *Introdução ao narcisismo*. Trad. Sérgio P. L. de A. Almeida. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. *O ego e o id*. Rio de Janeiro: Imago, 1923.

FREUD, S. *O mal-estar na civilização*. Trad. A. A. B. de Araujo. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

FREUD, Sigmund. *O mal-estar na civilização*. Trad. Sérgio P. L. de A. Almeida. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. Trad. Sérgio Tellaroli. 9. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

FREUD, S. *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. Trad. G. C. L. J. de A. Rio de Janeiro: Imago, 1905.

FROMM, Erich. *A arte de amar*. Trad. Milton Amado. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1995.

GENETTE, Gérard. *Figures III*. Paris: Seuil, 1972.

KRISTEVA, Julia. *História de amor*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

LACAN, Jacques. *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

LACAN, Jacques. *Os escritos*. Trad. Sérgio A. R. Dias. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

NASIO, Juan-David. *O livro da dor e do amor*. Trad. Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

RICOEUR, Paul. *O conceito de ideologia e outros ensaios*. Trad. Sérgio São Bernardo. 1. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1990.

SILVA, Vera Maria Tietzmann. *A metamorfose nos contos de Lygia Fagundes Telles*. 2. ed. Goiânia: Editora UFG, 2001.

STENDHAL. *Do amor*. Trad. Herculano Villas-Boas. Porto Alegre: L&PM, 2007.

TADDEI, Roberto. *A força de Lygia Fagundes Telles*. Carta na Escola, São Paulo, n. 77, p. 21-23, jun. 2013.

TELLES, Lygia Fagundes. *Venha ver o pôr do sol*. São Paulo: Editora Ática, 1996.

TELLES, Lygia Fagundes. *Venha ver o pôr do sol*. In: *Antes do baile verde*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

TELLES, Sérgio. *A melancolia: o sentimento do abismo*. 1. ed. São Paulo: Editora Casa do Psicólogo, 2008.

Acessados:

WIKIPEDIA. *Lygia Fagundes Telles*. Wikipédia, 11 dez. 2024. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Lygia\\_Fagundes\\_Telles](https://pt.wikipedia.org/wiki/Lygia_Fagundes_Telles). Acesso em: 07 set. 2024.